

O amor em análise: algumas considerações a partir de depoimentos de passe

Jussara Jovita Souza da Rosa

[...] Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico. [...] o que o discurso analítico nos traz - e é talvez no fim de tudo, a razão de sua emergência num certo ponto do discurso científico - e é que falar de amor é, em si mesmo, um gozo¹.

Em uma recente e interessante publicação intitulada *Nova história das mulheres*², cujo objetivo é discutir as conquistas das mulheres no século XX, na apresentação as autoras se interrogam: "o que aconteceu com as mulheres, como chegamos até aqui e quais serão os próximos capítulos dessa saga?"³. Com artigos muito valiosos que abordam a experiência feminina em várias áreas, não se encontra nenhum que trate do amor, o que não causa estranheza já que o amor não é assunto de ciência, nem mesmo das ciências humano-sociais. É assunto de poesia, de literatura, de mulher, e da psicanálise.

A busca pelo amor se impõe para homens e mulheres, mas qual o lugar do amor na vida de uma mulher? Por que a busca incessante das mulheres por uma mensagem de amor como ilustram tantas canções? Qual o destino do amor em um processo de análise?

As questões acima formuladas serviram de móbil para essa pesquisa que se baseou principalmente nos depoimentos de fim análise de Analistas da Escola. Com a análise do fim visava extrair elementos para compreender o começo, pois como assinala Pablo Russo, se entra e se sai da análise por meio do amor. E Lacan afirma que "[...] o amor é signo de que mudamos de discurso", é um signo que marca a entrada no discurso do analista.

No cotidiano constata-se uma diferença na forma como homens e mulheres lidam com o amor. Freud, em sua conferência "Ansiedade e vida instintual"⁴, escreve que as mulheres não temem a castração, mas sim a perda do amor.

Na clínica contemporânea observa-se que, apesar das conquistas sociais obtidas pelas mulheres, as queixas ainda se encontram em torno da parceria amorosa.

Por outro lado, a despeito dessas conquistas no imaginário social, ainda persiste a ideia de que o problema fundamental de uma mulher é sua relação com os homens; dentro desse raciocínio uma mulher buscaria uma análise para resolver esse impasse: ter um homem. Se ela já o tem, talvez não esteja satisfeita, e ao fazer análise pode se separar.

Mas nem todas as mazelas das mulheres são devidas aos homens. Os impasses de uma mulher não se encontram apenas na parceria amorosa, na qual poderíamos localizar uma dificuldade em ser falo para um homem; há também o impasse relacionado em ter o falo, funcionar a partir da lógica fálica.

Embora o amor sempre esteja implicado, há casos em que o foco não é a queixa em relação à parceria. São sujeitos que poderão se apresentar até devastados, mas a devastação não atinge a parceria amorosa, e sim outros campos do laço social, como por exemplo, impasses ligados à sublimação.

Angelina Harari, em seu depoimento de passe, ressalta o que Lacan escreveu em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina": o homem serve "[...] de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele"⁵.

O seu caso ilustra o quanto ser Outro para si mesma está colocado para a mulher. O que não significa, entretanto, pensar que cada mulher tem que construir a sua identidade, pois *A mulher* não existe.

Na medida em que não existe, a mulher pede ao homem que lhe fale dela, mas trata-se de uma falsa homologação. Para Lacan o homem fala dela para que ela se torne Outro para si mesma, não se tornando Uma para si mesma como o é para o homem que lhe fala, pois seguir falando-lhe não decifra o enigma⁶.

Temos com Angelina Harari o impasse de uma mulher na parceria amorosa condicionado por um *gozo clandestino*. Uma mulher e a sua relação com o gozo, e não com o amor.

No caso de Ana Lydia Santiago, temos uma mulher presa na menina. É a menina, marcada pelo amor do pai que aparece de forma substancial em seu relato. Encontramos a forte presença da avó paterna, que lhe contava a fábula *As três cabeças de ouro*, quando ela ainda não lia. A fábula ilustra a história do que pode ser a vida de duas meninas, a partir da forma como interagem com as três cabeças de ouro. A primeira menina, tida como boa filha, é muito afetuosa com o pai, “[...] atende prontamente às solicitações de cada uma das três cabeças, e é conseqüentemente beneficiada com o dom da bondade e com um hálito suave, o que lhe possibilita, ao falar, lançar pedras preciosas pela boca”⁷. A interação da segunda menina com as três cabeças é marcada pela relação com a mãe, “[...] caprichosa [...] recusa-se a prestar favores às três cabeças. O que lhe traz como consequência uma vida difícil: “[...] um caminho de espinhos, que ferem sua pele e tornam sua aparência pouco atraente - e ainda um hálito horrível, que a leva, ao falar, lançar cobras e lagartos pela boca”⁸.

Ana Lydia Santiago escreve:

Por ter como miragem o destino da primeira menina da fábula, tornei-me uma observadora atenta dos indícios do que melhor convinha ao outro, para me encaixar e ser reconhecida como uma filha modelo e de comportamento exemplar. O destino da segunda menina, contudo, permaneceu dúbio e em aberto, causando preocupação e medo⁹.

Em seu depoimento não aparece o impasse na relação com um homem. Na Jornada da EBP Seção Minas, assinala que

quando se aproximava da mulher lhe aparecia a morte. Sair da posição de escolhida do pai, se colocar como mulher responsável, ser uma psicanalista viva, saindo da prisão do Um, foi a forma que encontrou de nascer como Outra para si mesma¹⁰.

A respeito dessa relação com o pai, Ana Lúcia Lutterbach Holck escreve o seguinte em seu depoimento:

Quando a demanda, em relação ao pai, subsiste e persiste endereçada aos seus substitutos, acarreta o que Freud chamou de rigidez do caráter feminino, inibição e uma certa dificuldade para a sublimação. Não há também formação do supereu que proíbe e instaura o desejo. A persistência da demanda deixa a mulher submetida às exigências de um Outro real¹¹.

O sintoma é condicionado pelas relações parentais. Miller¹² destaca o axioma freudiano “[...] no qual toda eleição de objeto qualquer que seja se baseia nos protótipos parentais”. E numa análise se trata da incidência dessas relações no corpo do sujeito.

Acerca da particularidade do amor para a mulher Holck, nas elaborações do seu passe, escreve que a saída feminina pelo amor deve-se ao fato de não haver uma ameaça pela subtração do ter, e a mulher então:

[...] fabrica um a mais. Como observa Laurent, diante do dilema em que se sente aprisionada entre uma pura ausência e uma pura sensibilidade, a saída feminina se constitui pelo amor à falta e goza dessa falta, gozo da privação. Com a privação Lacan mostrou um gozo feminino antes situado no registro do masoquismo¹³.

Esse “amor à falta”, entretanto, pode consolidar saídas distintas no que se refere à parceria amorosa, como podemos evidenciar nos casos de Angelina Harari e Ana Lydia Santiago.

Outro aspecto a ser destacado, agora seguindo as elaborações de Dafunchio, é a íntima relação do amor com o feminino. “[...] o amor tem cara de mulher, e justamente no

seminário 20 o amor vem intimamente enodado com o gozo feminino; e o gozo fálico, o gozo macho, é um obstáculo para a entrada na dimensão amorosa”¹⁴.

A autora ressalta ainda que “[...] o amor lacaniano é o amor entre um homem e uma mulher”¹⁵. A questão é sabermos como enodar dois elementos distintos, pois a relação sexual não existe. O homem pode ter a função de enodamento, pode ser uma âncora para a mulher. Mas é preciso estar atento ao fato de que nem sempre o que aparecerá como obstáculo dirá respeito à parceria amorosa. O impasse pode aparecer nas outras formas de relação com o falo.

Há uma dimensão do encontro entre o homem e a mulher, do encontro entre os corpos, na qual se joga a equivalência. Essa equivalência tem a ver com aí onde não há complementariedade entre os sexos, aí onde não há relação sexual, é a função fálica que vem suprir essa falta - tanto para o homem como para a mulher¹⁶.

No início de uma análise presencia-se uma ciranda entre o gozo e o desejo. A partir de seu estudo do *Seminário 10*, Camargo¹⁷ pontua que o amor faz mediação entre essas duas instâncias, mas, diferente da angústia que está no entremeio, o amor tem função mediadora. *Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo*, afirma Lacan¹⁸.

Para Lacan o amor de transferência, diferentemente de Freud, não é repetição, mas invenção; tendo uma concepção não edípica da análise, transforma a mãe e o pai em significantes, e o que entra em jogo é o objeto em sua irreduzibilidade.

E não sendo gozo, nos adverte Miller¹⁹, o amor está mais próximo da insatisfação do que da satisfação, e a transferência sendo amor, também não é satisfação. Mas “[...] há uma satisfação que nasce da renúncia da satisfação pulsional [...]. Podemos dizer que o amor é da ordem desta satisfação que nasce da renúncia da satisfação pulsional”.

Para concluir essas considerações destaco dois aspectos para os quais é preciso estar atento na clínica. O primeiro diz respeito à superioridade da mulher em relação ao gozo, razão pela qual estaria ela mais sujeita ao gozo do que à angústia. Isso sem perder de vista que o amor não é gozo, mas que o gozo feminino está *entramado* a ele²⁰. O segundo aspecto se refere a uma assertiva de Silvia Salmam, Analista da Escola, cujo caso foi marcado pela erotomania. Em seu testemunho ela destaca que a experiência da análise é uma experiência de amor e que “[...] se na entrada o sujeito fala no nível do amor, na saída o sujeito sabe que fala no nível da pulsão”²¹.

¹ LACAN, J. (2008/1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 89.

² PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. (2012). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto.

³ IDEM. *Ibid*, s/p.

⁴ FREUD, S. (1996/1933[1932]). “Ansiedade e vida instintual”. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁵ LACAN, J. (1998/1966). “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 741.

⁶ HARARI, A. (nov. 2011). “A incidência dos limites do simbólico”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 61. São Paulo: Edições Eólia, p. 83.

⁷ SANTIAGO, A.L. (dez. 2011). “Coûp de foudre”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 62. Op. cit., p. 98.

⁸ IDEM. *Ibidem*.

⁹ IDEM. *Ibidem*.

¹⁰ IDEM. (out. 2012). “A política da psicanálise no testemunho de cada um”. In: XVII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais - “A política da psicanálise na era do direito ao gozo”.

¹¹ HOLCK, A.L.L. (2011/2008). *Patu. Uma mulher abismada*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, p. 109.

¹² MILLER, J.-A. (2010/1989). *Los divinos detalles*. Buenos Aires: Paidós, p. 82.

¹³ HOLCK, A.L.L. (2011/2008). Op. cit.

¹⁴ DAFUNCHIO, N.S. (2011). *Nudos del amor. Para una clínica de la pareja-síntoma*. Buenos Aires: Del Bucle, p. 17.

¹⁵ IDEM. *Ibid*, p. 19.

¹⁶ IDEM. *Ibidem*.

¹⁷ CAMARGO, L.F.E. (out. 2006). O amor entre o gozo e o desejo. I Jornada da Seção Santa Catarina - Vamos falar de amor.

¹⁸ LACAN, J. (2005/1962-1963). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.

¹⁹ MILLER, J.-A. (2010/1989). Op. cit., p. 66

²⁰ IDEM. (2008/1997-1998). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós.

²¹ SALMAN, S. (out. 2011). "El misterio del cuerpo que habla". In: *Latusa - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro*, n. 16. Rio de Janeiro: EBP - RJ, p. 121.